

UM ESTUDO SOCIOGEOLINGUÍSTICO DA FALA MINEIRA EM ARCOS (MG)

Danilo Araujo de Souza (UFOP)

araujosdanilo@gmail.com

Clézio Roberto Gonçalves (UFOP)

cleziorob@gmail.com

Estudar as variações da fala em suas diversas perspectivas não é um papel limitado à discussão linguística e acadêmica, pois envolve um viés político, uma vez que é impossível desvincular a língua do ser humano que, por sua vez, é um animal político. Não se pode negar que existe uma grande influência da língua sobre a visão do mundo daqueles que a falam. Da mesma forma, não se pode negar o contrário, ou seja, a influência do meio físico e do contexto cultural sobre a língua. Este estudo, que visa à elaboração de um atlas lexical descritivo da fala do município de Arcos (MG), tem metodologia fundamentada nos pressupostos da geolinguística, espécie de ramificação da dialetologia. A coleta de dados, lexias, etc. é feita através de um questionário previamente elaborado a determinados indivíduos e pela elaboração de cartogramas, onde as respostas são registradas e pelas quais poderemos, então, obter o mapeamento das variantes linguísticas, segundo as orientações do projeto do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB).

O Brasil é um país cuja língua – língua portuguesa – apresenta, indubitavelmente, um alto grau de diversidade e variabilidade. A linguagem de uma pessoa, o seu falar, faz parte de sua cultura e, portanto, há de ser respeitada. Aliás, é vital salientar que a linguagem utilizada por uma comunidade é, certamente, uma marca primordial de sua identidade, de sua cultura. Além disso, a linguagem assume o papel de principal “produto” da cultura e é, ao mesmo tempo, o principal “instrumento” de sua transmissão.

Fica claro, pois, que não se trata meramente de uma discussão acadêmica sobre as variações linguísticas, tratar da língua é, também, tratar de um tema político, visto que é impossível desvincular a língua do ser humano que, por sua vez, é um animal político.

Não se pode negar que existe uma grande influência da língua sobre a visão do mundo daqueles que a falam. Da mesma forma, não se po-

de negar o contrário, ou seja, a influência do meio físico e do contexto cultural sobre a língua.

Aliás,

A língua, portanto, só existiria para englobar a cultura e comunicá-la, transmiti-la. Daí se infere que, para o real conhecimento de um grupo humano, não basta pesquisar sua história, seus costumes ou o ambiente em que vive, é necessário observar a forma particular de ele representar a realidade que o circunda (BRANDÃO, 1991, p. 38).

Dessa forma, “[...] a língua e o comportamento linguístico de seus falantes estão estreitamente ligados à cultura em que ocorrem” (SOARES, 2000, p. 38).

Além disso, ao se falar em língua, seja ela a portuguesa ou qualquer outra, pode-se observar que ela muda constantemente. Isso não significa, entretanto que a língua se torne outra língua, ou que ela se constitua em um sistema linguístico melhor ou pior. Trata-se de variação linguística, fenômeno que ocorre em todas as línguas naturais.

Apesar de um grupo de pessoas que utilizam a mesma língua constituírem uma comunidade linguística, isto não significa que essa língua seja homogênea e uniforme. Cada uma das formas de utilização da língua compõe uma variedade que é determinada basicamente pelas circunstâncias de “quem?” utiliza a língua, “quando?”, “como?”, “por quê?”, “com quem?”, “em que situação?”, “onde?” a língua é utilizada.

A diferenciação geográfica e social entre segmentos de uma mesma comunidade linguística, portanto, resulta em um correspondente processo de diferenciação linguística, que pode se manifestar nos níveis fonológico, léxico e gramatical.

Para Ferreira e Cardoso (1994, p. 12),

[...] falantes de uma mesma língua, mas de regiões distintas, têm características linguísticas diversificadas e se pertencem a uma mesma região também não falam de uma mesma maneira, tendo em vista os diferentes estratos sociais e as circunstâncias diversas da comunicação. Tudo isso deixa evidente a complexidade de um sistema linguístico e toda a variação nela contida.

E é à dialetologia que cabe o estudo de tal fenômeno.

O município de Arcos (MG) sempre representou e continua representando uma importância considerável no contexto sócio-político-econômico-cultural tanto de Minas Gerais quanto do Brasil. A cidade de Arcos (MG), econômica e populacionalmente, nos fornece dados que nos

mostram a irrefutabilidade do desenvolvimento de estudos sobre Arcos (MG) e sobre as características de sua população.

Assim sendo, nos propomos a conhecer a resposta ou pelo menos as hipóteses da pergunta: em que estágio se encontra a constituição semântico-lexical da língua portuguesa no município de Arcos? E, ainda: que traços descrevem a realidade linguística do município de Arcos, em pleno século XXI?

Ora, a hipótese em que se chega, nesse caso, é que existe uma constituição semântico-lexical característica do município de Arcos (MG), influenciada pela confluência social (nativos, estudantes universitários e funcionários¹⁰³ das empresas locais), cultural e histórica da cidade.

Portanto, em consonância com o ALiB – Atlas Linguístico do Brasil –, o primeiro objetivo da pesquisa é elaborar um estudo semântico-lexical de caráter descritivo do município de Arcos (MG), com vistas ao Atlas Semântico-Lexical do Centro-Oeste de Minas Gerais para, de forma mais específica, elaborar uma base de dados semântico-lexicais do município de Arcos (MG), fazer o tratamento dos dados semântico-lexicais, mostrando quantitativamente as incidências das variações, e documentar todas as variantes em cartogramas lexicais, descrever a realidade linguística do município de Arcos (MG), no que tange à língua portuguesa, priorizando a variação diatópica, especificamente de aspectos semântico-lexical, considerando as implicações de natureza social, além de contribuir para a elaboração do Atlas Linguístico do Estado de Minas Gerais e do Atlas Linguístico do Brasil.

Já se faz notável a importância do conhecimento histórico da fala do município de Arcos (MG), pois a do surgimento e do desenvolvimento do município nos mostra que influências da emigração e imigração podem ter influenciado numa certa variação e mudança linguísticas na fala dos habitantes da cidade.

Desde a origem do município, percebemos que alguns itens nos direcionam a uma reflexão sobre quais fatores teriam influenciado na concretização da norma linguística que se apresenta na atualidade.

¹⁰³ Peões de diversas regiões do país.

Atualmente, a cidade de Arcos, desde 2000¹⁰⁴, convive com diversos estudantes universitários, vindos de diversas cidades da região e de algumas outras cidades de diversas regiões dos estados de Minas Gerais, São Paulo e Espírito Santo. E, também, com diversas pessoas que vêm trabalhar nas empresas da cidade e região. Essa imigração tem sido cada vez mais frequente, segundo dados da Prefeitura Municipal do ano de 2008.

Uma visão superficial já é suficiente para percebermos que a realidade das comunidades linguísticas da região passou por grandes transformações e, indubitavelmente, uma transfiguração também se fez presente nas relações entre as pessoas. O que num passado não muito distante era um retrato de um isolamento considerável, hoje se apresenta como uma nítida quebra de fronteiras e de limites.

Os meios de comunicação, sem dúvida alguma, têm um papel significativo nas mudanças de hábitos linguísticos não só na região, mas em todo o país. Além disso, temos de considerar que, nas últimas décadas, tem ocorrido um grande deslocamento de habitantes de uma região para outra, provocando uma reconstituição demográfica e, conseqüentemente, uma mudança nos usos linguísticos da comunidade.

Por isso, é preciso que tentemos resgatar e registrar, o mais rápido possível, a norma e a variação semântico-lexical falada em Arcos (MG), para que possamos registrar a memória linguística da comunidade dessa região e, também, contribuir, de alguma forma para o conhecimento da língua portuguesa falada no Brasil em nossos dias.

Fica evidente, também, que várias foram as influências que podem ser evidenciadas na realidade linguística atual da cidade. Uma análise dos usos linguísticos proporcionará uma reflexão sobre a identidade da comunidade que vive nesse local. Contudo, precisamos considerar que a essência da informação de um atlas reside no dado de natureza espacial e, por isso, nossa pesquisa priorizará o enfoque diatópico.

Certamente, seriam possíveis várias abordagens e níveis de análise, entretanto, dada à impraticabilidade de tal estudo para um cronograma de 12 (doze) meses, restringir-nos-emos ao estudo semântico lexical nesse determinado âmbito geográfico.

¹⁰⁴ Implantação da PUC Minas em Arcos.

Conforme já afirmado, a pesquisa está fundamentada nos pressupostos da geolinguística, método da dialetologia. Esse método permite a reconstituição da história de palavras, de suas vias de difusão, de flexões, de agrupamentos sintáticos e de antigas camadas da língua, segundo a repartição dos tipos geográficos atuais.

Esse resgate tornar-se-á possível por meio da aplicação de um questionário previamente elaborado a determinados sujeitos e pela elaboração de cartogramas, onde as respostas são registradas e pelas quais poderemos, então, obter o mapeamento das variantes linguísticas.

Depois de se definir os pontos que serão abordados e os sujeitos, de acordo com faixa etária e nível de escolaridade pretendidos, realizaremos as entrevistas, fontes essenciais de informação para este estudo e foco do trabalho de coleta de dados. Com a aplicação do questionário semântico-lexical – QSL – do ALiB, utilizaremos um instrumento idêntico aos aplicados em levantamentos de dados feitos em alguns atlas linguísticos brasileiros e, por conseguinte, estaremos criando condições para a elaboração de posteriores análises comparativas.

Todas as respostas obtidas, resultado das entrevistas, serão organizadas e documentadas em cartogramas. Esse armazenamento poderá ser objeto de uma análise secundária e, por essa razão, deverá possuir uma forma clara para que outros possam recuperá-los integralmente.

O material recolhido será gravado e, em seguida, digitalizado nas tabelas. Essas fitas certamente fornecerão uma expressão mais acurada da entrevista do que qualquer outro método, pois nos permite escutar sistematicamente o seu conteúdo e reproduzi-lo.

Os dados coletados em estudos como esse e os resultados finais obtidos devem refletir uma preocupação pela validade do constructo e pela confiabilidade. Neste caso, mostrará a descrição das variações linguísticas e, para isso, estamos elaborando um estudo semântico-lexical de caráter descritivo, registrando traços caracterizadores dos falares dos sujeitos moradores do município de Arcos (MG).

Essa pesquisa visa à descrição de uma realidade dialetal que, posteriormente, poderá tornar-se instrumento de análise para conclusões sobre a realidade linguística em foco ou ainda constituir-se em um subsídio para a compreensão da história da cidade de Arcos (MG), abordada não só por linguistas, mas também por historiadores, sociólogos, antropólogos

gos e outros profissionais que se interessem em documentar fatores que explicam e documentam o passado com rigor científico.

A prática investigativa será desenvolvida combinando-se algumas formas de pesquisa. Inicialmente, será feita uma pesquisa teórica mais aprofundada sobre o tema, seguida de uma pesquisa de campo, quantitativa e qualitativa.

A pesquisa teórica vinculada aos estudos da geolinguística contemporânea, um estudo da história e das características culturais da região à qual a pesquisa está relacionada será de suma importância para as análises necessárias decorrentes dos resultados obtidos pela pesquisa.

Para a pesquisa de campo, seguiremos, sempre que possível, as diretrizes estabelecidas pelo Projeto Atlas Linguístico do Brasil – Projeto ALiB.

O Projeto ALiB é um empreendimento de vultosa amplitude, de caráter nacional, que tem por meta a elaboração de um atlas geral no Brasil, no que diz respeito ao uso da língua portuguesa. Esse desejo vem desde 1952, mas somente no final do século passado começou a tomar corpo, graças à iniciativa de um grupo de pesquisadores que se propuseram a concretizar essa proposta.

Em 1996, em Salvador, por ocasião da realização do *Seminário Caminhos e Perspectivas para a Geolinguística no Brasil*, com a participação de pesquisadores da área, oriundos de diferentes regiões brasileiras, foi retomada e aprovada a ideia da elaboração de um Atlas Linguístico Nacional. A partir daí, um árduo trabalho vem se desenvolvendo para que os objetivos do projeto sejam alcançados.

E, então, como afirma Cardoso (1996, p. 10), “[...] assim, no apagar das luzes do século XX ou, melhor dizendo, ao se acenderem as luzes do século XXI, tenta-se descrever o português do Brasil numa perspectiva geolinguística que culminará no atlas linguístico da língua portuguesa no Brasil”.

O Projeto ALiB atualmente é coordenado por um Comitê Nacional constituído por um Diretor Presidente – Suzana Alice Marcelino Cardoso (UFBA) -, um Diretor Executivo – Jacyra Andrade Mota (UFBA), e quatro Diretores Científicos – Maria do Socorro Silva Aragão (UFC), Mário Roberto Lobuglio Zágari (UFJF), Vanderci de Andrade Aguilera (UEL), Walter Koch (UFRGS) e Ana Paula Antunes Rocha (UFOP).

É importante esclarecermos que o intuito de uma proximidade metodológica com o Projeto ALiB dá-se por conta de, posteriormente, termos base para um provável cotejamento entre realidade linguística da cidade de Arcos (MG) e de outras localidades do Brasil.

Numa pesquisa dialetológica, é denominado ponto ou ponto linguístico cada uma das localidades em que se recolhem os dados de natureza linguística. Nessa pesquisa, determinou-se que a escolha dos pontos será feita depois que se fizer o levantamento histórico e geográfico do município de Arcos (MG).

Por sua vez, seguindo-se a orientação estabelecida pela geolinguística, sujeito ou informante é o indivíduo que responde o questionário e que fornece os dados que constituirão o corpus da pesquisa. Nessa pesquisa será adotado o termo “sujeito”.

Para que se obtenha uma observação mais detalhada das variações linguísticas faz-se necessário um estudo do perfil do sujeito que irá constituir a amostra linguística da rede de pontos pesquisada. Para essa seleção, baseamo-nos não só nos trabalhos de Silva Neto (1957), de Nascen-tes (1958), de Caruso (1983), mas também, nas postulações do Projeto ALiB.

Os sujeitos serão selecionados, seguindo-se os seguintes critérios: ser natural da cidade de Arcos (MG) ou ser residente há três quartos de sua vida, quando procedente de outra cidade.

Em cada um dos pontos estabelecidos, entrevistaremos adultos, da faixa etária I: 18 a 30 anos e da III: 50 a 65 anos, que tenham estudado apenas até a 8ª série do Ensino Fundamental. Para a escolha dessas duas faixas etárias, seguimos os preceitos citados no site oficial do Projeto ALiB em que Cardoso e Mota esclarecem que:

Na impossibilidade de se documentarem três diferentes faixas etárias, o que acarretaria um aumento de custos, optou-se pelo registro de informantes de faixas mais distanciadas. Tal opção procura atender às possibilidades de melhor confronto entre usos por diferentes faixas etárias e, também, propiciar a análise da variação e da mudança linguísticas.

A fim de evitar interferências linguísticas, que poderiam resultar do contato pessoal do sujeito com outras regiões e, de acordo com o Projeto ALiB, evitamos sujeitos cujas profissões os obriguem a grandes mobilidades, como exemplo: motorista, viajante etc.

Dá-se o nome de questionário a um dos instrumentos utilizados para recolher os dados linguísticos nas pesquisas de campo. Recortado em áreas temáticas e em subáreas, as lexias obtidas como respostas dos sujeitos constituem o material para essa pesquisa.

Segundo o comitê realizador do Projeto ALiB, a seleção os itens inclusos no QSL tem como objetivo documentar o registro coloquial do falante, procurando retratar as formas de emprego mais gerais da comunidade pesquisada, sem, com isso, priorizar regionalismos, arcaísmos ou linguagens especiais de certos grupos.

É no momento da entrevista que captamos a fala dos sujeitos, ou seja, que obtemos os dados para a nossa pesquisa propriamente dita. A técnica utilizada é a aplicação do questionário linguístico supracitado, pois, como já dissemos anteriormente, essa aplicação permite a homogeneização dos procedimentos de coleta de dados dentro dos moldes científicos e permite, ainda, comparações com outros atlas linguísticos e com trabalhos na área da dialetologia.

Para assegurar uma melhor qualidade ao trabalho, é conveniente o contato direto entre sujeito e pesquisadora, sempre que possível, para que, dessa forma, possam ser dirimidas dúvidas existentes nas perguntas ou nas respostas dadas.

A fim de se obter certa estabilidade emocional por parte do sujeito, maior segurança e naturalidade nas suas respostas, as entrevistas deverão, sempre que possível, ser realizadas na própria residência dos sujeitos. As referências nominais ao sujeito serão omitidas a fim de garantir a privacidade, mas sem impedir a socialização e a publicação dos dados fornecidos.

Elaborar cartogramas linguísticos é retratar a distribuição das lexias nos determinados pontos estudados, é dar forma física às respostas/ocorrências. É, ainda, documentar o falar dos sujeitos da região pesquisada, registrando as diferentes realidades linguísticas encontradas.

Alguns autores utilizam o termo “mapa”, mas em nosso trabalho, optamos por “cartograma”, baseados na definição dada por Oliveira (1980, p. 57):

[...] é a representação dos aspectos naturais e artificiais da Terra, destinada a fins práticos da atividade humana, principalmente à avaliação precisa de distâncias, direções e a localização geográfica de pontos, áreas e detalhes – é comumente considerada como uma representação similar ao mapa, mas de caráter especializado construído com uma finalidade específica.

Os cartogramas serão apresentadas na mesma ordem das perguntas do questionário e seguirão de acordo com a numeração das respectivas áreas e subáreas.

Buscamos métodos modernos e eficientes para a elaboração dos cartogramas, visando à efetivação de um banco de dados para consulta. Como dissemos, os cartogramas temáticos lexicais aparecerão na mesma ordem numérica em que aparecem as perguntas do QSL e trarão o registro de todas as diferentes lexias que forem encontradas para uma mesma questão. Por se tratar de um trabalho de cunho descritivo, deveremos elaborar uma carta para cada uma das perguntas existentes nas respectivas áreas e subáreas. Os cartogramas apresentarão a seguinte estrutura:

Acima, no canto superior esquerdo, haverá um cabeçalho em que constarão os seguintes dados:

- o número do cartograma temático lexical;
- a área semântica a qual pertence a lexia;
- o número e o nome da respectiva subárea;
- o número da pergunta, de acordo com o QSL e, em seguida, a pergunta propriamente dita, por extenso.

Os símbolos determinantes de gênero e de faixa etária dos sujeitos estarão abaixo do cabeçalho. Centralizada na página, virá cada carta lexical, cujas variações lexicais documentadas obedecerão à legenda de cores, ao lado especificada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUILERA, V. de A. (Org.) *A geolinguística no Brasil: caminhos e perspectivas*. Londrina: Eduel, 1998.

_____. (Org.) *A geolinguística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer*. Londrina: Eduel, 2005.

ALVAR, M. *Estúdios de geografía lingüística*. Madri: Paraninfo, 1991.

AMARAL, A. *O dialeto caipira*. 3. ed. São Paulo: Hucitec. Secretaria da Cultura, Ciências e Tecnologia, 1976.

BALLY, C. *El lenguaje y la vida*. Buenos Aires: Losada, 1935.

BARBOSA, M. A. *Léxico, produção e criatividade: processos do neologismo*. 2. ed. São Paulo: Global, 1989.

BERTI, S. S. *Abordagem semântico-lexical do falar sorocabano, com base no questionário ALiB*, 587 p. Tese (Doutorado). São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2005.

BRANDÃO, S. F. *A geografia linguística no Brasil*. São Paulo: Ática, 1991.

CARDOSO, S. A. M. (Coord.) *Caminhos e perspectivas para a geolinguística no Brasil*. Salvador: Universidade Federal da Bahia/Instituto de Letras, 1996.

_____. *Dialectologia: trilhas seguidas, caminhos a perseguir*. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/delta/v17nspe/6709.pdf>>. Acesso em: 11-03-2009.

_____. *Geolinguística: tradição e modernidade*. São Paulo: Parábola, 2010.

CARUSO, P. *Atlas linguístico do Estado de São Paulo: questionário*. Assis: Instituto de Letras, História e Psicologia/UNESP, Prefeitura Municipal de Assis, 1983.

CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P. *Dialectology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.

CINTRA, L. F. L. *Estudos de dialectologia portuguesa*. Lisboa: Sá da Costa, 1983.

COMITÊ Nacional do Projeto ALiB. *Atlas linguístico do Brasil: questionários*. Londrina: EDUEL, 1998.

_____. *Atlas linguístico do Brasil: questionários*. Londrina: EDUEL, 2000.

COSERIU, E. *La geografía lingüística in el hombre y su lenguaje: estudios de teoría y metodología lingüística*. Madrid: Gredos. 1954.

_____. *Sincronia, diacronia e história*. Rio de Janeiro: Presença; São Paulo: Universidade de São Paulo, 1979.

_____. A geografia linguística. In: _____. *O homem e sua linguagem*. São Paulo: EDUSP, 1982.

_____. A perspectiva funcional do léxico. In: _____. *Problemas da lexicologia e lexicografia*. Porto: Civilização, 1979.

FERREIRA, C., CARDOSO, S. *A dialetologia no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1994.

GIRALDO, J. J. M. *Dialectología general e hispano-americana*. 2. ed. Bogotá: Imprenta Patriótica del Instituto Caro y Cuervo, 1987.

HOUAISS, A. *O português no Brasil*. Rio de Janeiro: Revan, 1992.

IBGE. *Censo 2000*. Disponível em:
<<http://www.ibge.gov.br/censo/default.php>>. Acesso em: 09-03-2009.

IBGE. *Cidades@*. Disponível em:
<<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/default.php>>. Acesso em: 11-03-2009.

MELO, Gladstone Chaves de. *A língua do Brasil*. Rio de Janeiro: Padrão, 1981.

NASCENTES, A. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: 1952.

_____. *Bases para a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, Casa de Rui Barbosa, 1958.

ROSSI, N. *Atlas prévio dos falares baianos*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, MEC, 1963.

_____. A dialetologia. Marília: ALFA, 1967.

_____. Os falares regionais do Brasil. In: *Atas: O Simpósio de São Paulo*. São Paulo, 1969.

_____. A realidade linguística brasileira. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*. São Paulo: USP, 1980, n.º 22.

PROJETO ALiB. Projeto Atlas Linguístico de Brasil. Disponível em:
<<http://www.alib.ufba.br/index.asp>>. Acesso em: 10-03-2009.

SANTOS, Irenilde P. *O estudo da norma e o ensino da língua materna: atualização em língua portuguesa para professores de 2º grau*. Módulo I – Noções básicas de linguística. São Paulo: Vitae/FFLCH-USP, 1992.

_____. Considerações sobre um Atlas Linguístico da Cidade de São Paulo: aspectos linguísticos. In: *Anais do XI Congresso Internacional da Associação de Linguística e Filologia da América Latina*, 1999.

_____. *Vertentes*. Comunicação proferida no Mini-ENAPOL de Geolinguística 2000, Universidade de São Paulo, 24/08/2000. (mimeo).

_____. *O estudo da norma e o ensino da língua materna*. Atualização em língua portuguesa para professores de 2º grau. Módulo I – Noções básicas de linguística. São Paulo: Vitae/ FFLCH-USP, 1992.

_____. *Análise do aspecto semântico-lexical em cinco atlas linguísticos brasileiros*. Comunicação apresentada no GEL-2004, Unicamp, 30/07/2004. (mimeo).

_____. CRISTIANINI, Adriana Cristina. (Orgs.). *Sociogeolinguística em questão: reflexões e análises*. São Paulo: Paulistana, 2012.

SILVA NETO, S. da. *Guia para estudos dialetológicos*. 2. ed. Belém: Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, 1957.

SOARES, Magda. *Linguagem e escola: uma perspectiva social*. 17. ed. São Paulo: Ática, 2000.

VILELA, M. *Estruturas léxicas do português*. Coimbra: Almedina, 1979.

_____. *O léxico da simpatia*. Porto: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1980.

_____. *Estudos de lexicologia do português*. Coimbra: Almedina, 1994.